

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

“Afinal os direitos humanos não são para todos?”

10º Episódio: O direito ao trabalho

Autor: Columbus Mavhunga

Editor: Adrian Kriesch, Friederike Müller, Yann Durand

Tradução: Madalena Sampaio

VOZES:

- Intro/Outro (cerca de 30, homem/male): Madalena Sampaio
- Narrador (cerca de 30, mulher/female): Madalena Sampaio

3 Voice-overs:

- Richard (24, homem/male) (Inglês): Guilherme Correia da Silva
- Farai Maguwu (homem/male) (Inglês): António Cascais
- Daniel (25, homem/male) (Shona): Nuno de Noronha

Pronúncia:

Farai Maguwu (Far-ra-yi Mah-gu-who)

Gwejazi: GWE (como Gwendolyn) – JA (como Janeiro) – ZI (como na pronúncia em inglês de Zimbabué)

Intro:

Olá! Bem-vindos ao décimo e último episódio da série do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido”, intitulada “Afinal os direitos humanos não são para todos?”.

De acordo com o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.” E cada um, sem exceção, pode usar a declaração para ter acesso a todos os direitos e liberdades que proclama. É o que é enunciado nos artigos 1 e 2, que servem de base aos restantes artigos.

O episódio de hoje centra-se no direito ao trabalho. O artigo vigésimo terceiro da declaração diz que todos têm direito a trabalhar e a condições de trabalho equitativas e satisfatórias. Este artigo também garante o pagamento justo e o direito dos trabalhadores a filiarem-se em sindicatos que protejam os seus interesses. Esta é a parte teórica. Hoje, no entanto, vamos ver como é trabalhar em condições muito duras.

Os diamantes prometem grandes riquezas, mas não para todos. As pedras preciosas foram descobertas no Zimbabué em 2006, mas nem assim conseguiram salvar a fracassada economia do país. Em vez disso, a mineração de diamantes nos campos de Marange é principalmente associada a relatos de abuso físico. As pessoas têm tentado sobreviver com o garimpo de pedras preciosas e estão sujeitas a ataques brutais. Segundo os relatórios, os ataques são frequentemente realizados pelo exército. Algumas pessoas já foram mortas ou mutiladas, enquanto outras tiveram a sorte de escapar com ferimentos menos graves. Ainda assim, continuam a ser muitas as pessoas que lá se deslocam por causa dos diamantes.

Columbus Mavhunga ouviu algumas destas histórias e falou com aqueles que estão a tentar assegurar que os direitos destas pessoas sejam protegidos.

Música: “Bwamba”, Baka Beyond, Archivnummer: 4083639000

1. Atmo: Cidade

(SFX: City atmo)

2. Narrador:

Estamos numa cidade chamada Mutare, a cerca de 300 quilómetros a leste da capital zimbabueana, Harare.

Chamemos Richard a este jovem de 24 anos que sabe muito sobre o trabalho nas minas. Era lá que estava quando os diamantes foram descobertos em 2006. Diz que perdeu um dedo quando foi espancado por oficiais do exército. Apanharam-nos nos campos diamantíferos e ele recusou-se a entregar o que tinha extraído naquele dia. Mostra-nos as cicatrizes por todo o corpo e conta-nos sobre as atividades do exército nos campos de diamantes de Marange.

3. O-Ton Richard (Inglês):

“Eles espancavam as pessoas para que se fossem embora para sempre e nunca mais voltassem. Foram mortas muitas pessoas. Uma vez havia sete a oito corpos no campo. As pessoas eram mortas e ninguém se importava.”

4. Narrador:

O abuso de que Richard fala aconteceu há algum tempo. Mas isso não significa que agora tudo corra bem nos campos de diamantes de Marange.

5. O-Ton Richard (Inglês):

“Agora, a situação é muito tensa. Anexaram uma grande quantidade de campos de diamantes para manter as pessoas afastadas. E usam cães de busca fora dos campos de diamantes, que procuram *gwejazi* que ainda tentam garimpar diamantes.”

6. Narrador:

Gwejazi são indivíduos que tentam ganhar a vida a garimpar diamantes e a vendê-los. Não trabalham para as poucas empresas que o governo contratou para extrair diamantes. Oficialmente, eles não estão autorizados a trabalhar nos campos. Mas mesmo assim fazem-no para tentar sobreviver. E o governo não está satisfeito com isso.

Apesar de todas as provas em contrário, o governo do Zimbabuê nega que o seu exército tenha cometido abusos contra os direitos humanos nos campos de diamantes. Mas defende o uso do exército para prevenir a imigração ilegal por causa do garimpo de diamantes.

7. Atmo: Barulho num bar (SFX: Noise in a bar)

8. Narrador:

Neste bar em Mutare, estes *gwejazi*, que são sobretudo jovens, bebem para afogar as suas mágoas. Richard é um deles. Ele diz que os *gwejazi* simplesmente garimpam o que lhes pertence por direito.

9. Narrador:

Embora a palavra *gwejazi* tenha conotações negativas, Richard e os seus colegas garimpeiros não se importam de usá-la ou que lhes chamem *gwejazi*. Richard explica o que o leva a ele e a muitos outros jovens no Zimbabué a continuarem a ir para as minas de diamantes, mesmo que isso já lhe tenha custado um dedo e quase a própria vida.

10. O-Ton Richard (Inglês):

“A minha vida é lá. Aqui na cidade não há emprego. Não consegues ter um emprego para sobreviver. Tens de ir para lá, mesmo que seja demasiado duro. A maioria das pessoas no Zimbabué ou faz isso ou morre. Eu não tenho nada para fazer. Não consigo sobreviver sem o garimpo de diamantes.”

11. Narrador:

Richard vai continuar a fazer este trabalho, apesar dos riscos que corre. Ele espera que o governo do presidente Robert Mugabe mude a situação. Richard quer que os *gwejazi* tenham autorização para extrair diamantes.

Acha que não deviam ser só as grandes empresas a ter autorização para explorar as minas, porque também não conseguem contratar todos os milhões de zimbabuanos que atualmente precisam de trabalho. A taxa de desemprego no Zimbabué ultrapassa os 85 por cento.

12. O-Ton Richard (Inglês):

“Acho que o governo devia certificar-se de que as pessoas que trabalham no garimpo de diamantes estão a trabalhar em paz. Os soldados ou o governo podiam assumir a responsabilidade pelas pessoas. As pessoas podiam garimpar os diamantes e entregá-los ao governo para que este lhes pagasse. Como se fosse uma espécie de emprego. Temos de fazer algo para sobreviver.”

13. Narrador:

Mas por causa dos abusos contra os direitos humanos cometidos pelo governo do Zimbabué durante as últimas duas décadas, parece muito improvável que o executivo faça o que Richard quer e permita que indivíduos extraiam diamantes tal como o fazem as grandes empresas.

14. Atmo: Alguém a conduzir

(SFX: Driving)

15. Narrador:

Deixamos o local onde Richard e os seus companheiros *gwejazi* estão a beber e atravessamos a cidade para chegar aos escritórios do Centro de Investigação e Desenvolvimento.

Desde 2006, esta organização não governamental (ONG) tem documentado o que se passa nos controversos campos diamantíferos de Marange. A organização já conseguiu juntar provas de alguns abusos terríveis. Diz que ainda acontecem por lá assassinatos, tortura e trabalhos forçados. Como resultado, o Zimbabué está agora sob a mira do Processo de Kimberley, um grupo de países e instituições que tenta garantir que os diamantes que comercializam não provêm de zonas de conflito. O Zimbabué foi temporariamente proibido de exportar os seus diamantes por causa desses relatórios.

O homem por detrás do Centro de Investigação e Desenvolvimento (ou CRD na sigla em inglês) é Farai Maguwu.

16. O-Ton Farai (Inglês):

“E nós, enquanto CRD, fomos a primeira organização a protestar contra os abusos. Prestamos igualmente assistência às vítimas que precisam de tratamentos. Também trabalhamos muito, tanto local quanto internacionalmente, para que o governo fosse pressionado a pôr um ponto final nos abusos. Por isso, estamos felizes porque a violência diminuiu, mas ainda estamos preocupados com os seguranças privados que continuam o seu reinado de terror contra os garimpeiros ilegais e a comunidade.”

18. Narrador:

Os seguranças privados a que se refere são pessoas contratadas pelas empresas de mineração de diamantes. Farai Maguwu explica que os abusos contra os direitos humanos têm assumido diferentes formas desde que o Zimbabué descobriu os diamantes.

Quando a corrida aos diamantes começou em 2006, conta, houve problemas com *gwejazi* que lutavam pelas pedras preciosas. E dois anos mais tarde, os seguranças começaram a roubar os *gwejazi*.

19. O-Ton Farai (Inglês):

“E então, entre novembro de 2008 e por volta de 2010, a violência escalou. Desta vez foi a agência de segurança do Estado, especialmente os militares. Houve mortes e também casos de violação, especialmente em novembro e dezembro de 2008. Centenas de mulheres foram violadas por agentes de segurança do Estado.”

20a. Narrador:

É bom que pessoas como Farai Maguwu e a sua organização existam para tentar proteger os direitos dos mineiros. Mesmo que o artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos diga que os trabalhadores têm o direito de formar ou de se filiar em sindicatos para proteger os seus interesses, essas organizações só existem para ajudar os trabalhadores com emprego formal, não os *gwejazi* que trabalham por conta própria.

21. Atmo: Num bar

(SFX: Noise in a bar)

22. Narrador:

De volta ao bar onde Richard e os seus amigos estão a tomar uma bebida para relaxar, encontramos Daniel, um jovem de 25 anos que também está a tentar ganhar a vida nos campos de diamantes de Marange. Ele aceita partilhar as suas experiências, que são semelhantes às de Richard e que não são fáceis de ouvir.

23. O-Ton Daniel (Shona):

“Pessoas apanhadas nos campos de diamantes de Marange não são tratadas como seres humanos. São espancadas como uma cobra descoberta em casa. Eles não têm em conta em que parte do corpo estão a bater. Batem em qualquer parte do corpo, tudo ao mesmo tempo. Os cães polícia mordem em qualquer parte do corpo. Quando se encontra alguém que foi mordido por cães é difícil transportá-lo porque lhe dói tudo.”

24. Narrador:

Daniel é invadido pela emoção. Não chora, mas cala-se: perdeu o seu irmão em 2008, quando foi atacado por cães nos campos de Marange. Depois de algum tempo, Daniel diz que pode continuar e fala como se nada tivesse acontecido.

26. Narrador:

Advogados de direitos humanos no Zimbabué têm representado vários ativistas e jornalistas nos campos de diamantes de Marange. Eles acreditam que aqueles que foram alvo de abusos ou que perderam familiares nos campos de diamantes têm mais hipóteses se processarem o governo do presidente Mugabe fora do Zimbabué.

Dizem que os tribunais do Zimbabué estão demasiado comprometidos para tomarem decisões contra o governo do velho líder.

28. Narrador:

Richard afirma que o governo do Zimbabué beneficiaria se permitisse que os mineiros individuais, os *gwejazi*, procurassem diamantes.

29. O-Ton Richard:

“Deviam permitir o garimpo aos *gwejazi*. Podiam ganhar algo com os *gwejazi*... Para eles seria melhor dizer: esta percentagem é para o governo. E assim os *gwejazi* teriam algo para viver em vez de serem espancados.”

Música: “Bwamba”, Baka Beyond, Archivnummer: 4083639000

Outro:

E é assim que termina este episódio do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido”, da autoria de Columbus Mavhunga.

E lembrem-se de que podem voltar a ouvir este episódio ou deixar os vossos comentários, visitando a nossa página web em:

www.dw.de/aprenderdeouvido

[w w w ponto d w ponto d e barra aprender de ouvido]

Também podem ouvir os episódios de todas as séries do Learning by Ear - Aprender de Ouvido como podcast em:

www.dw.de/lbepodcast

[w w w ponto d w ponto d e barra l b e podcast]

Gostaram deste programa ou têm sugestões para mais programas do
Learning by Ear?

Escrevam-nos um e-mail para:

afriportug@dw.de

Ou enviem uma SMS para o número: 00 49 17 58 19 82 73.

Repetimos: 00 49 17 58 19 82 73.

Também podem mandar uma carta para:

Deutsche Welle – Programa em Português

53110 Bona

Alemanha

Até à próxima!